

Povo Omágua-Kambeba¹: narrativas, ritual e projetos de fortalecimento cultural

Omágua-Kambeba People: Narratives, Ritual, and Cultural Strengthening Projects

Hellen Cristina Picanço Simas²

Raimundo Cruz da Silva³

Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar as narrativas, o ritual e os projetos de fortalecimento cultural do povo Omágua – Kambeba. Para tanto, utilizou-se a metodologia narrativa autobiográfica, com abordagem qualitativa. Os resultados apontam que a escola kambeba é um instrumento vital nos processos de fortalecimento identitário, pois, neste espaço, a língua, a dança, as narrativas, as suas histórias, a culinária e outros aspectos culturais do povo Omágua são retomados e valorizados. Este povo, portanto, empreende esforços para repassar sua história por meio das narrativas ancestrais e fortalecer sua cultura por meio dos projetos societários desenvolvidos pela escola e pela comunidade, que trabalham a culinária, grafismo e artesanato do povo Omágua-Kambeba.

Palavras-chaves: Povo Omágua – Kambeba; Narrativas ancestrais, Ritual; Projeto societário.

Abstract: This study aims to present the narratives, ritual and cultural strengthening projects of the Omágua-Kambeba people. Therefore, the autobiographical narrative methodology was used with a qualitative approach. The results indicate that the Kambeba school is a vital instrument in the processes of identity strengthening, because in this space, the language, the dance, the narratives, the stories, the culinary and other cultural aspects of the Omágua people are revived and valued. These people, therefore, make efforts to pass on their history through ancestral narratives and strengthen their culture through social projects developed by the school and the community in which they work on the cuisine, graphics and crafts of the Omágua-Kambeba people.

Keywords: Omágua-Kambeba people; Ancestral narratives; Ritual; Corporate project.

¹A pesquisa teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, por meio da bolsa produtividade, edital 013/2022 e do edital 02/2023 POSGRAD.

² Professora Associada II da Universidade Federal do Amazonas. Bolsista Produtividade da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPEAM/2023-2025). Possui doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2013); Pós-doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (2018). Pós-doutorado em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade do Norte de Tocantins (2022). Mestrado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2009); Especialização em Ensino, Remoto, a Distância e Metodologias Ativas pela Faculdade Metropolitana de São Paulo; Graduação em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (2006); Graduação em Letras Língua Espanhola pelo Centro Educacional IBRA (2021). Foi professora visitante na Universidade de Santiago de Compostela (2022-2023) e bolsista CNPq pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (2022-2023). <https://orcid.org/0000-0001-9637-6587>

³Raimundo Cruz da Silva, indígena do povo kambeba graduado em Pedagogia Intercultural Indígena pela Universidade Estadual do Amazonas – UEA, Pós-Graduação Especialista em Gestão de Projetos e Formação Docente – UEA. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Gestor da Escola Indígena Municipal Kanata T- ykua, professor colaborador do curso de licenciatura Intercultural Indígena – UFAM turma Baixo Amazonas. ORCID N. 00009_0003_0365_7518

Introdução

Este artigo apresenta o povo Omágua, também nomeados de Kambeba, da comunidade Três Unidos, do rio Cucueiras, Amazonas, Brasil e apresenta suas narrativas de origem, sobre o ritual kuation e sobre os espíritos Tururukari e Karuara, bem como mostrar os projetos da comunidade de Três Unidos para o fortalecimento da cultura kambeba.

Omágua significa o povo das águas, porque se originaram das gasta de águas, e a nomeação kambeba foi dada pelos povos indígenas da terra firme, falantes de nheengatu, que não gostavam do modo que os Omágua achatavam a cabeça.

Faziam isso quando a criança era pequena, amarrando na testa dos recém-nascidos uma pequena prancha ou um trançado de junco amarrado com um pouco de algodão para não os machucar. Depois a criança era colocada dentro de uma pequena canoa que servia de berço. Dessa forma, a cabeça ia ficando achatada (OLIVERIA; CRUZ, 2022, p.1).

Para os indígenas da terra firme, a cabeça chata era muito feia. Então, eles apelidaram os Omágua de cabeça chata, que, em nheengatu, se pronuncia akanga pewa. Essa palavra se transformou na palavra kambeba. “O último Omágua/Kambeba com 79 cabeça de mitra morreu em São Paulo de Olivença há sessenta e oito anos atrás no século XIX” (SILVA, 2012, p. 79).

Imagem 1: Crânio achado de um kambeba



Fonte: Ferreira, 1971 *apud* Silva, 2012

O povo Omágua vive o processo de reafirmação de identidade, posto que, no período de colonização, chegou a ser considerado extinto, por os membros omágua não se identificarem como indígenas omágua-kambeba devido à forte repressão aos indígenas:

O povo omágua por resistir e defender suas terras à frente de uma dura batalha restauram poucos, os que sobreviveram reuniram suas famílias e ficaram em pequenos grupos às margens do rio Solimões sob os cuidados da igreja católica, sendo catequizados na língua portuguesa e invisibilizados em sua cultura e história (BOLETIM INFORMATIVO, 2020, p.1).

Foi a partir dos movimentos indígenas, que os kambeba se fortaleceram e passaram se conhecerem indígenas e a reivindicar seus direitos: “Aí em 1982, houve aquela Assembleia Indígena na aldeia de Miratu. Depois de escutar muitas coisas naquela assembleia, nós deixamos saberem que nós somos kambeba de verdade. Antes ninguém dizia que era índio porque tinha medo” (CRUZ, 1999, p.11).

Uma forma de resistir deste povo foi falar, às escondidas, a língua kambeba e repassar oralmente suas histórias ancestrais e língua aos familiares, assim seus saberes e memórias chegaram às novas gerações.

Atualmente resistimos através da valorização de nossas memórias, e assim recusamos opiniões destrutivas que não venham somar com nosso pensamento em conjunto do nosso povo, pois tudo que temos até hoje são fontes que vem de memórias vivas que são repassadas de geração para geração oralmente e guardadas em nosso cotidiano (BOLETIM INFORMATIVO, 2020, p.1).

Diante do exposto, desejamos que este trabalho seja um instrumento nesta luta pelo fortalecimento da cultura Kambeba, por trazer o registro de narrativas do povo Omágua, apresentar os seus projetos de fortalecimento cultural e ser um espaço de constituição de um autor indígena kambeba. Assim, os saberes ancestrais deste povo podem ser registrados a partir da perspectiva indígena e agora repassados também pela escrita. Isso mostra as conquistas dos indígenas pelo acesso à educação básica e superior, que hoje permite que sejam os escritores de sua própria história.

1. O Povo Omágua-Kambeba

O povo Omágua-Kambeba vive no Brasil e no Peru. Em terras peruanas, o povo Kambeba vive em terras próximas à capital Lima. Em terras brasileiras, localizam-se em cinco aldeias, sendo quatro distribuídas entre a região do médio rio Solimões e uma aldeia, lócus de nossa pesquisa, no Baixo rio Negro. Ela é nomeada aldeia Três Unidos, localizada às margens do rio Cuieiras, afluente do Rio Negro, dentro da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Puranga Conquista, no estado do Amazonas - Brasil. Há famílias kambeba que vivem em

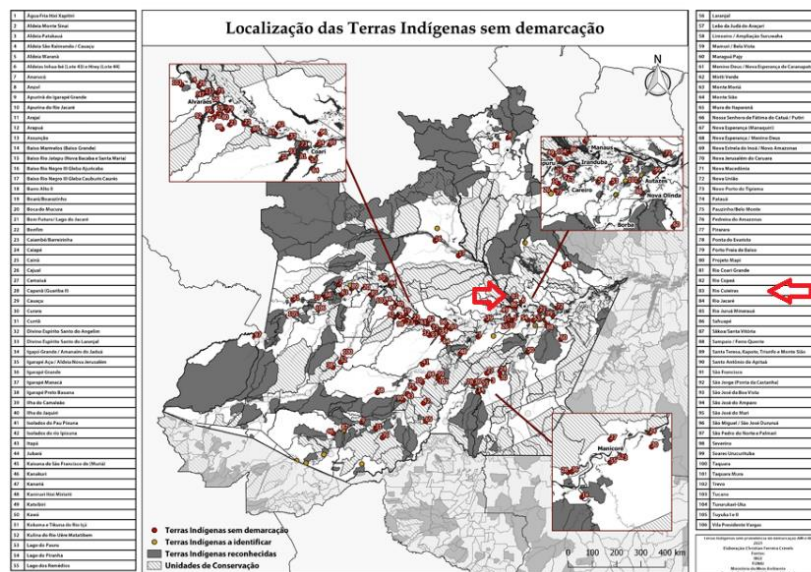
Manaus e em outros municípios amazonense, principalmente em municípios do Alto rio Solimões. Enquanto, no Brasil, são aproximadamente 857 pessoas (SIASI/SESAI, 2014 in SOCIOAMBIENTAL, 2024, p.1), no Peru, são 3.500 pessoas (MACIEL, 1994 in SOCIOAMBIENTAL, 2024, p.1).

Destaca-se que, devido ao processo colonizador, o povo Kambeba chegou a desaparecer, sendo considerado um povo extinto no século XVIII. Após intenso trabalho dos movimentos indígenas, nas últimas décadas do século XX, o povo Kambeba ressurge. Se consideram descendentes de Aparia (Apariwa), líder Omágua que, no século passado, comandou todo o povo Kambeba (BOLETIM INFORMATIVO, 2020, p.1). São falantes da língua kambeba, pertencente ao tronco tupi, família tupi-guarani. Atualmente poucos sabem falar a língua nativa, estando em processo de extinção, maioria conhece apenas vocábulos da língua kambeba.

Atualmente, na aldeia em estudo, vivem 32 (trinta e duas) famílias, cuja população é 120 (cento e vinte) pessoas Kambeba. É uma comunidade indígena muito visitada por turistas e pesquisadores em busca de aventuras e de respostas às suas curiosidades acadêmicas acerca do povo Kambeba. Esta comunidade foi formada a partir da família do tuxaua e patriarca da família Cruz, em 1991. A família do líder kambeba, acompanhada de mais duas famílias, migrou, em 16 de novembro de 1991, da Aldeia Jaquiri, no médio Solimões, para a margem esquerda do rio Cuieiras, fundando a Aldeia Nossa Senhora da Saúde, hoje nomeada aldeia kambeba Três Unidos.

A terra indígena Kambeba, nomeada rio Cucueiras, se encontra em processo de demarcação pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), órgão responsável pelo processo de regularização das terras indígenas. Todas as terras indígenas Kambeba, na região do rio Solimões, estão demarcadas e homologadas, somente a terra da aldeia Três Unidos no rio Negro ainda está em processo de demarcação.

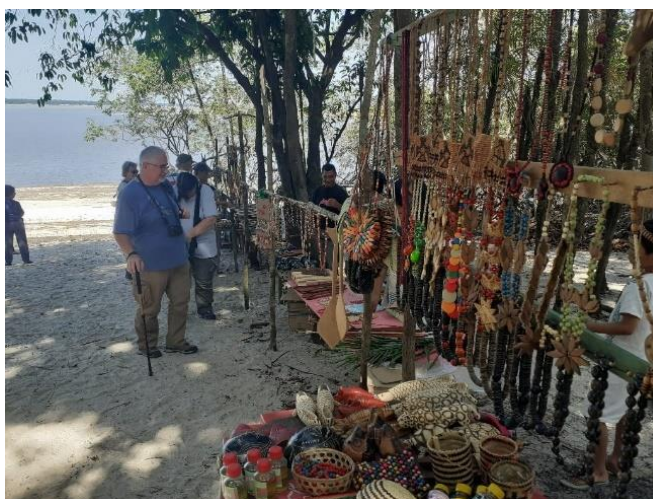
Imagem 2 – Terras Indígenas sem demarcação



Fonte: Conselho Indigenista Missionário Regional Norte I, 2017, p.13

As casas na aldeia são próximas às outras, sendo algumas de alvenaria, outras de madeira ou algumas de madeira e alvenaria. O povo vive da agricultura, caça e pesca e, principalmente, da produção de artesanato, que são comercializados para os turistas que visitam a aldeia. Na aldeia, tem o centro de artesanato Kambeba, onde todas as famílias que trabalha com artesanato têm um local para realizar suas vendas.

Imagem 3: Artesanato kambeba



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

A aldeia Kambeba tem o polo base de saúde, que é referência de atendimento à saúde indígena de sete aldeias na região do baixo rio Negro e o rio Cuieiras. O polo de saúde foi

construído, no ano de 2006, pela parceria entre a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) e a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazonia Brasileira (COIAB).

Imagem 4: Posto indígena de saúde



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Atualmente o polo de saúde é composto por uma equipe multidisciplinar, formada por médico, dentista, técnico de enfermagem, enfermeira, agente de saúde, agente e saneamento básico.

Existe também na aldeia a Escola Municipal Kanata T-ykua, cujo significado é “luz do saber”.

Imagem 5: Escola Municipal Kanata T-ykua



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

A escola, fundada em 1994, tem, atualmente, 45 alunos e professores 3 professores. Inicialmente a escola era cadastrada como escola ribeirinha, logo a educação escolar nela executada não era intercultural. Somente a partir de 2004, quando acontecem um movimento de reivindicação pela escola indígena, iniciado movimento indígena, a citada escola se tornou

escola indígena e com ensino intercultural. Atualmente nela há ensino da língua kambeba⁴, valorização das histórias ancestrais do povo, das práticas culturais, como o ritual kuacher (ritual do maguari) e dos modos de vida próprios do povo Kambeba. As atividades de ensino transcendem a sala de aula, acontecendo também em espaços comunitários e sempre integrando os saberes tradicionais Kambeba, que envolvem transmissão oral das narrativas ancestrais, rituais, práticas de caça, pesca, agricultura, brincadeiras tradicionais, como a Zana makatipa (brincadeira do curupira), pintura, grafismo e artesanato do povo Kambeba. A espiritualidade kambeba é ensinada também, ou seja, seus rituais, território sagrados, crenças, relações com a natureza e espíritos protetores são ensinados aos mais novos. Assim, a educação escolar vem somar ao fortalecimento da identidade e da espiritualidade kambeba, sendo um espaço de resistência deste povo indígena.

Além dos rituais, alguns membros do povo kambeba de Três Unidos, praticam a religião católica, havendo na comunidade a Capela do Divino Espírito Santo, construída em 2003.

Imagem 6: Capela do Divino Espírito Santo



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Todos os anos, no último final de semana do mês de maio, é realizada a festa em homenagem ao Divino Espírito Santo com três dias de programação.

No mês de outubro, acontece o festival da cultura Kambeba, são três dias de apresentações da cultura kambeba. São apresentações da dança da onça, chamauary, waka may pitani, atawari, também há bebidas tradicionais como caisuma feita da macaxeira, pajauru feito

⁴ Em 06 de janeiro de 2022, a Secretaria Municipal de Educação (SEMED-Manaus) aprovou o ensino das línguas kambeba e nheengatu nas escolas municipais, cuja aprovação foi publicada na edição nº 5.257, do Diário Oficial do Município.

da mandioca, aluar feito do abacaxi, dentre outros tipos de bebidas. Durante a festa, são servidas comidas tradicionais Kambeba como o fani a pupeka e a mujica. Os rituais para os benzimentos também são muito procurados pelo visitante que vão participar do festival. A conexão com os espírito da natureza é de grande importância para esses visitantes, momento em que eles se sentem muito protegidos pela seres espirituais kambeba, que são chamados de Tururukari e Karuara. o Tururukari é um ser espiritual da floresta e a Karuara é um ser espiritual da água, por isso são de grande importância para a proteção contra a maldade sobre o povo Kambeba.

Na aldeia há um cemitério da aldeia, que, além de ser um local sagrado para os Kambeba.

Imagem 7: Cemitério da aldeia



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

O espaço é também um atrativo para os visitantes conhecerem a sua história e dos antigos Kambeba, que foram sepultados neste local, como o tuxaua Waldomiro Cruz e sua esposa Acenciona dos Santos. Hoje o povo Kambeba se dedica a cuidar do lugar onde seus ancestrais foram sepultados.

2. Narrativas ancestrais do povo Omágua-Kambeba

Cada povo indígena tem uma visão sobre o mundo e uma forma de se relacionar com a natureza, a qual registram em suas danças, culinária, grafismo, narrativas dentre outras expressões culturais. Por isso, entendemos que o termo lenda, que se compreende como narrativa que mistura fatos histórico e fantasias, não é adequado para nomear as narrativas dos povos nativos por diminuir o saber indígena contido nas narrativas e por esvaziar os sentidos dos encantados presentes nas histórias, por exemplo. Assim, os termos narrativas ancestrais ou

histórias ancestrais respondem melhor a nomeação dos relatos passados de geração em geração entre os povos indígenas. Portanto,

As narrativas indígenas sistematizam conhecimentos de um povo, que vêm explicar sua origem, forma de organização social e procuram dar sentido à realidade vivida por eles num determinado tempo e espaço, dando base para a organização social, religiosa e econômica indígena (LUCIANO; SIMAS; SILVA, 2020, p.6)

Histórias ancestrais ou narrativas preservam a ideia de que elas possuem saberes que guiam as ações e as práticas dos povos e explicam muito de sua organização social, política e cultural e guardam o sentido de serem verdadeiras. Os povos indígenas acreditam nelas, logo não se pode minimizar este conhecimento.

2.1. A origem do povo Omágua-Kambeba e os seres Tururukari e Karuara

O povo indígena Omágua/kambeba antes de viver na terra era representado pelo ser espiritual Tururukari. O ser Tururukari vivia no tronco de uma árvore chamada sucubba, essa árvore estava localizada na cabeceira de um igarapé no centro da mata.

O Tururukari precisava originar o ser humano onde tivesse a conexão com a água, ou seja, necessitava da gota da água. Certo dia, no tronco da árvore, Tururukari avistou duas gotas de água: uma pequena e outra maior. Essas gotas de água podiam se transformar em um homem e uma mulher Omágua.

Como o Tururukari estava com o poder na mão para criar o ser humano Omágua/Kambeba, ele disse: - A gota da água maior será o homem e a gota menor será a mulher kambeba. Assim, as duas gotas da água foram se transformando em um ser humano do povo Omágua/Kambeba. Depois da transformação do homem e da mulher kambeba, mais gotas de água foram se transformando em gente do povo Omágua. Por meio desses seres transformados, começou a reprodução entre eles, formando uma aldeia nas ilhas do rio Solimões. E com o aumento de pessoas, os Kambeba foram se espalhando para outros locais e formando novas aldeias nas ilhas onde o plantio era bom e tinha uma boa colheita. Os Kambeba têm um grafismo que representa muito bem a sua origem.

Imagem 8: Grafismo Kambeba



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

O grafismo representa a conexão do povo Kambeba com a água e com a floresta, por isso neste grafismo há duas sursoris e dois jacarés, que são animais que vivem tanto na terra como na água, por isso tem uma representatividade muito importante para o povo Omágua/Kambeba. Esse grafismo é usado nas roupas tradicionais e como pinturas corporais Kambeba.

Esta narrativa de criação também é registrada em poema da autora Marcia Kambeba (2018, p.28):

No despertar da aurora,
No mito de criação,
Na gota que traz a vida,
De um povo, de uma nação.
Batendo na samaumeira
Caindo feito algodão,
Pro colo do grande rio
Que num sopro de criação,
Dá vida ao “índio” guerreiro,
E a mulher, sua paixão.
Assim para o povo Omágua
A samaumeira tem a função,
De mãe das grandes árvores,
De cura e proteção,
E pelo indígena é cultuada,
Essa gigante, mãe amada,
Na dança nativa dos povos irmãos.

Por isso, o povo Kambeba é conhecido como povo das águas, posto que, segundo sua narrativa, eles são criados a partir de gotas de água.

2.2 Tururukari e Karuara: espíritos que protegem os kambeba

O Tururukari é um espírito, é como um deus do povo Kambeba, pois ele foi o responsável pela criação do povo Omágua. Ele até hoje protege o povo na terra e, principalmente, quando vai à floresta, sendo muito respeitado pelos omáguas. Por meio de sonhos ou outro tipo de conexão, ele ensina os pajés a fazerem o remédio tradicional para curar as doenças e também para fazerem os benzimentos quando uma pessoa está doente. Para o povo Kambeba, Tururukari vive na floresta cuidado dela e dando proteção aos indígenas. Então, o Tururukari é esse ser que sempre está acompanhando e protegendo o povo Kambeba das coisas ruins, que podem acontecer na sua aldeia ou podem acontecer na família.

Um outro ser espiritual que o povo Kambeba acredita muito é a Karuara, que povo protege o povo Kambeba quando em águas. Ele vive no fundo do rio e protege a pessoa quando vai pescar, ele não deixar nenhum mal acontecer ao pescador kambeba.

Segundo o relato dos nossos mais velhos, a Karuara fica deitada no fundo do rio, vendo o que está acontecendo em cima, olhando quando o povo Kambeba vai pescar, vai para outra aldeia ou vai para o roçado de canoa. E aí ela vai olhando e vai protegendo.

São muitas Karuara, na verdade, no fundo do rio, mas há a Karuara chefe, que manda, quando o povo Kambeba vai fazer uma viagem no rio, um das Karuaras acompanhar na ida e na volta da viagem pelo rio. É muito respeitada, por isso os pajés falam que, quando um omágua navega pelos rios, as Karuaras estão o protegendo dos perigos das águas, das cobras grandes, das onças d'água, dos jacarés e de outros seres, inclusive espiritual, que existem nas águas e podem causar mal a pessoa.

Os Omágua/Kambeba vivem nas suas aldeias sempre acreditando nos seres espirituais, que fazem parte da vida humana aqui na terra e na água.

2.3. O Ritual kuation

Kuation é um pássaro da Amazônia conhecido como maguari. Esse pássaro, na época do rio seco, se junta a outros pássaros como o socó, mergulhão, karará, garça, pato, marreco, ariramba, que, os kambeba chamam de tingueijada, para fazerem as pescarias. É neste período, que o ritual kuation acontece para festeja a época da grande fartura de peixe, a união entre os povos e agradecer aos espíritos que protegem as plantações e a aldeia durante o ano.

O ritual do kuation é feito todos os anos na época da seca do rio, sempre no mês de novembro de cada ano. São três dias de rituais com a união de vários povos. Nesse ritual, são apresentadas danças como a dança do kuation, em que as pessoas fazem um círculo e dançam, por duas horas, indo para direita e para esquerda. Durante este ritual, também são executados cantos e há comidas, bebidas, pinturas e benzimentos kambeba para tirar, por exemplo, a panema dos pescadores da aldeia.

Duante o ritual, os kambeba usam seus adereços como: a kapara, pulseira, anel, colar de semente, roupa como vestidos, saias e blusas para as mulheres e bermuda, camisa, colar, pulseira e pinturas corporais para os homens. Assim, o povo kambeba realiza o seu ritual a cada ano.

3. Os Projetos de Fortalecimento da Cultura Kambeba

O povo Omágua, além da estratégia de repassar oralmente suas narrativas ancestrais aos mais novos e registrá-las em livros, atualmente, por meio da escola indígena municipal Kanata T-ykua, realiza projetos de fortalecimento cultural, que passamos a apresentar a seguir.

O projeto de valorização dos conhecimentos tradicionais e dos conhecimentos universais na escola indígena é um exemplo de atuação em prol do fortalecimento e potencialização da espiritualidade do povo Kambeba, valorizando os pajés existente na aldeia.

Imagem 9: Tuxaua kambeba de Três Unidos



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

O tuxaua na figura anterior é um grande conhecedor da espiritualidade e cura da cultura Kambeba. Por isso, ele foi convidado para fazer parte do projeto da escola para repassar seus

conhecimentos aos alunos. Na ocasião da apresentação, ele fez um benzimento de cura em uma criança que estava com um problema de saúde. Esses eventos são para que o povo Omágua/Kambeba venha a fortalecer a sua cultura e manter de forma potente a valorização desses conhecimentos sem deixar em segundo plano a educação do povo Kambeba.

Para os Kambeba, esses projetos desenvolvidos na escola/aldeia de valorização dos conhecimentos tradicionais e dos conhecimentos universais são muito importantes para a construção mais potente da educação intercultural Kambeba e bilíngues. Os alunos que participam dessas manifestações culturais estão sendo preparados para serem as futuras lideranças e indígenas professores da aldeia e outros profissionais que a aldeia precisa. Diante disso, entendemos que a luta de (re)afirmação do povo Kambeba continua na atualidade, mesmo com a grande influência da sociedade não indígena, que ainda continua a não respeitar e negar os direitos dos povos indígenas. Por isso, os Kambeba continuam na luta para valorização de seus aspectos socioculturais e identitários, sempre unidos contra as discriminações dos colonizadores da atualidade.

Outro projeto de fortalecimento da cultura kabeba é o projeto de revitalização do grafismo tradicional kambeba. As crianças e os jovens kambeba que participam dele na escola aprendem o significado de cada grafismos, assim como aprendem a fazê-lo.

O grafismo Kambeba potencializou, cada vez mais, o fortalecimento da identidade das crianças, jovens e adultos Kambeba. O grafismo do povo Kambeba tem sido um objeto muito importante, principalmente na manutenção da cultura indígena Kambeba e também para mostrar a sociedade envolvente que os Kambeba estão vivo e firme para lutar de forma organizada pelos seus direitos.

Mais um projeto de valorização das comidas tradicionais kambeba é mais um exemplo de atuação da escola indígena e da comunidade para fortalecer a cultura Omágua. O povo Kambeba tinha sido esquecido da sua alimentação tradicional e, por meio do projeto de educação intercultural e bilíngues na escola Kanata T-ykua, a alimentação kambeba foi implantada na escola com o objetivo de revitalizar as comidas tradicionais Kambeba. Nesse processo, foi muito importante a participação dos anciões da aldeia para repassarem esses conhecimentos para as crianças e os jovens da aldeia.

Durante o projeto, houve a recuperação de receitas esquecidas e recuperação de alimentos deixados de serem consumidos pelo povo Kambeba, tais como: o fani, a pupeka e a mujica, que são alimentos que eram muito usados pelo povo Kambeba antigamente. Com a

participação dos pais dos alunos no desenvolvimento do projeto, o grupo de pais teve a ideia de se unirem e construir um restaurante indígena na aldeia para atender também a visitantes que vinham a procura de alimentação na aldeia. A ideia era que o restaurante pudesse oferecer comidas indígenas e não indígenas, pois a aldeia é muito visitada por turistas brasileiros e estrangeiros.

Imagem 10: Restaurante Kambeba



Fonte: arquivo pessoal (2022).

Atualmente o restaurante indígena Kambeba com o nome Sumimi, que significa japiim, está funcionando e atendendo os clientes brasileiro e estrangeiro. Ele serve, como pratos principais, o fai e a pupeka Kambeba, e se tornou uma fonte de renda e de sustentabilidade para o povo indígena da aldeia Três Unidos. Além de ajudar a fortalecer e a manter a cultura omágua por meio da comida tradicional deste povo indígena.

Outro projeto importante é a o turismo sustentável de base comunitária. Há uma grande demanda de visitantes, que procuram hospedagem na aldeia. Por isso, a comunidade kambeba construiu uma pousada para hospedá-los.

Imagem 11: Pousada da aldeia



Fonte: arquivo pessoal (2022).

A imagem anterior mostra os hóspedes chegando para passarem um período na aldeia, a fim de experienciarem o cotidiano e vivência da aldeia Kambeba. A pousada também oferece alimentação tradicional, realiza atividades de contação de história ancestrais dos Omágua, trilha na mata, passeio no parque nacional de anavilhanas, dança kambeba, pinturas corporais dentre outras atividades. Essas atividades só fortalecem os saberes tradicionais Kambeba e também se tornam uma fonte potente de sustentabilidade.

O turismo de base comunitária se torna uma atividade muito importante na vivência dos Kambeba e faz com que todos se mantenham residindo na aldeia, cuidando e lutando pela educação intercultural, bilíngue, saúde indígena, sustentabilidade e preservação do seu território e sua cultura.

Para potencializar a sustentabilidade e manter os moradores na aldeia, o projeto de artesanato foi criado. Ele visa a fabricação de artesanato e a venda deles para os visitantes, sendo uma fonte de renda muito importante na aldeia Três Unidos e servem para fortalecer os conhecimentos tradicionais, que são repassado de geração em geração ou de pai para filho, isso mostra o fortalecimento e a manutenção dos saberes tradicionais Kambeba.

Imagem 12: Centro de artesanato Kambeba



Fonte: arquivo pessoal (2023).

Atualmente os Kambebas da aldeia Três Unidos se organizaram e construíram um centro de artesanato Kambeba para fazerem as vendas para os visitantes. Todas as quartas-feiras, das oito às dez horas da manhã, visitam o espaço, em média, 150 turistas. Eles chegam até a aldeia pelo hotel flutuante da empresa IBEROSTAR AMAZON. Na chegada, os Kambeba fazem a recepção com a palestra do tuxaua Waldemir, que apresenta a aldeia e também a recepção é feita pelo grupo de musical da comunidade, que canta o hino nacional brasileiro na língua Kambeba.

Considerações finais

Deste modo, ao reviverem a língua, a cultura e as tradições, verifica-se que os conhecimentos e os valores étnicos vão, aos poucos, saindo da invisibilidade dos séculos XIX e XX, deixando para trás o silêncio de quase dois séculos. Para os Kambeba, a escola é um espaço de grande importância, onde a língua, a dança, as narrativas, as suas histórias, a culinária e outros aspectos culturais do povo Omágua são retomados e valorizados. É no espaço da escola que são tomadas e planejadas as decisões para o bom funcionamento da vida em coletividade na comunidade Três Unidos.

Os Kambeba da aldeia Três Unidos são um povo que têm na escola um instrumento vital nos processos de (re)afirmações étnicas. Os indígenas professores lutam pela concretização do direito aos seus territórios, e, por iniciativa própria, promovem a educação específica, bilíngue e diferenciada, que contribui não somente no fortalecimento da identidade, mas também na construção da cidadania.

Os Kambeba de Três Unidos continuam atualmente o fortalecimento de sua identidade, mesmo com a influência da sociedade não indígena e com a ação de governantes, que insiste em negar os direitos e a própria presença desse povo na região do baixo rio Negro, na boca do rio Cuieiras. Este povo, portanto, empreende esforços para repassar suas histórias como indígena Omágua a novas gerações e implementar os projetos societários desenvolvidos pela escola e pela comunidade, instrumentos importantes no processo de retomada da língua, grafismo e práticas culturais do povo Omágua.

Referências

- BONIN, Iara Tatiane; CRUZ, Raimundo da Silva (Org.). **Aua Kambeba**: a palavra da aldeia Nossa Senhora da Saúde. Conselho Indigenista Missionário: UNICEF, 1999.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO – REGIÃO NORTE. **Terras indígenas não demarcadas**: Amazonas e Roraima. [S. l.: s. n.], 2017.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade*. São Paulo: Pólen, 2018.
- LUCIANO, Rosenilda; SIMAS, Hellen; SILVA, Jeferson. A literatura do Povo Baniwa na tradição oral. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 14, p. 1-17, jan./dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14244/198271993380>. Acesso em: 21 fev. 2025.
- OLIVEIRA, Cila; CRUZ, Mônica. **Panorama da língua Kambeba/Omágua em Manaus/Amazonas**: possibilidades de retomada, manutenção e fortalecimento linguístico e cultural. *Tellus*, Campo Grande, MS, ano 22, n. 49, p. 109-132, set./dez. 2022.
- SILVA, Márcia Vieira da. **Reterritorialização e identidade do povo Amágua-Kambeba na aldeia Tururucari-Uka**. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2012.
- SOCIOAMBIENTAL. **Povo Kambeba**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kambeba#:~:text=Os%20Kambeba%20%E2%80%93%20tamb%C3%A9m%20conhecidos%20como,desde%20meados%20do%20s%C3%A9culo%20XVIII>. Acesso em: 21 out. 2024.